

LUÍSA COSTA GOMES

---

# CLAMOR

TEATRO



Título: *Clamor*

© Luísa Costa Gomes e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1994

© do prefácio: Margarida Vieira Mendes  
e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1994

Concepção gráfica de João Botelho

ISBN 972-8028-34-2

Luísa Costa Gomes

ULFLON 00237



# Clamor

(sobre textos de Vieira)

prefácio de  
Margarida Vieira Mendes

Cotovia

Instituto das Artes Cénicas  
Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura

## **Clamor**

*Clamor* em livro é um texto para teatro, imaginado para uma cena de Lisboa, no ano de 1994. O primeiro caso de Vieira em teatro de que há notícia foi o *Triumphus Sapientiae*, em Coimbra, a 15 de Maio de 1737: um herói perseguido, encarcerado, miraculosamente inspirado por um anjo e, por fim, vencedor. Sabe-se do espectáculo, que era musicado, como a maior parte das representações dos jesuítas, mas não se sabe do texto. Terá sido uma função escolar que celebrava os 40 anos da morte do padre António Vieira, em Salvador da Bahia, a 18 de Julho de 1697.

O que parece estar em jogo neste *Clamor* de Luísa Costa Gomes, de forma estilhada e polifónica, é uma figura histórica em conflito, em três momentos não muito conhecidos da sua biografia, ao mesmo tempo que uma extraordinária maneira de falar em língua portuguesa, tão estranha hoje para nós quanto sugestiva, e ainda um mundo imaginário, que merece a atenção. Nada disto é alheio ao teatro.

## **As bulhas de Vieira**

Os factos a que as alterações encenadas se referem respeitam três épocas da vida do pregador jesuíta, próximas do ponto de vista cronológico, se bem que em três locais muito distantes: Belém do Pará, no Amazonas, com a partida forçada e violenta de S. Luís do Maranhão, em finais de 1661; Coimbra, na Mesa do tribunal da Inquisição, entre 1663 e 1666; finalmente, Roma,

polimorfo, híbrido e reversível: é e não é peixe, está e não está na água, parece um barco sem o ser. Além disso, a dimensão colossal presta-se ao encarecimento ou elogio, tão ao gosto dos oradores de então: a baleia, como o maior animal da água, o elefante, como o maior da terra, o lince e a águia, como os mais velozes da terra e do ar. Acima de tudo, a baleia é o animal em cujo ventre viajou Jonas, o náufrago, pregador e profeta, que aportou às praias de Nínive, para prevenir a nação dos castigos divinos, e que clamou contra o próprio Deus, só porque ele lhe mostrou a misericórdia que era capaz de ter para com as nações. Dentro da baleia foi o próprio Vieira que sempre se fez viajar e que aqui aportou.

MARGARIDA VIEIRA MENDES

Elenco da Estreia  
de  
CLAMOR  
no Teatro Nacional D. Maria II em  
29 de Março de 1994

*Actores*

Afonso Melo, André Gago, António Banha (C.T.N.), António Rama (C.T.N.), Carlos Pimenta (C.T.N.), Fernanda Alves (C.T.N.), Fernando Luís, Francisco Salgado, Gonçalo Ferreira de Almeida, João Grosso, José Neves, Lúcia Maria (C.T.N.), Luís Madureira, Pedro Martinez, Pedro Tavares, Rui Fernandes, Vítor Ribeiro (C.T.N.)

*Bailarinos*

Miguel Moreira, João Galant, Milton de Lima, Paulo Jesus, Vítor Oliveira, Auta de Paula

*Direcção*

*Cenários e figurinos*

*Música original*

*Coreografia*

*Desenho de luz*

Ricardo Pais

António Lagarto

Egberto Gismonti

Vera Mantero

Paulo Graça

*Elocução e voz*

*Consultor literário*

*Consultor de antropologia*

*Consultor de magia*

Luís Madureira

Margarida Vieira Mendes

José António F. Dias

Luís de Matos

*Assistentes de encenação*

*Assistente de cenografia*

*Assistente de figurinos*

Cândida Vieira

Lúcia Maria

Teresa Grácio

Pedro Sá Correia

## Clamor

A papa Clamor foi, portanto, como quisemos, um experimento a encerrar por Ricardo Zúñi no âmbito de *Liberté*. Os projectos parciais de um gacetero de Margarida Vieira Mendes sobre o interesse a actualidade da obra de Vieira e de um escritor que filia na literatura, Paulo Mendes, dirigiu-se ao circunscrito âmbito da sua, que por um efeito de simulação é superior sobre Vieira. A primeira versão da peça, portanto, não se trata de que não tenham vindo ao encontro de público, ao contrário da intenção por Ricardo Zúñi e por mim, de tal modo que a primeira versão é impossível porque não há, efectivamente, uma obra que se possa discutir publicamente, que, naturalmente, não há. Os dados, no entanto, algumas ideias que naturalmente a experiência e a actualidade da peça e os deslocamentos de alguns textos — proposição de Ricardo Zúñi, Margarida Vieira Mendes, quando não a intenção teórica e de uma versão a sua Vieira. Que não possa ser esta mesma obra agradar a todos?

A. C. G.

## NOTA

A peça *Clamor* foi, desde o início, pensada como guião para um espectáculo a encenar por Ricardo Pais no âmbito de Lisboa-94. O projecto partiu de um parecer de Margarida Vieira Mendes sobre o interesse e actualidade da obra de Vieira e de um convite que Maria Manuel Pinto Barbosa dirigiu ao encenador Ricardo Pais, que por sua vez me desafiou a escrever sobre Vieira. A primeira versão da peça, bastante mais longa do que esta terceira versão que agora se publica, foi trabalhada em conjunto por Ricardo Pais e por mim, de tal modo que, a páginas tantas, é impossível esclarecer quem é, exactamente, o seu autor. Fique, para efeitos práticos, que, nominalmente, serei eu. Os cortes efectuados, algumas ideias que melhoraram a economia e a inteligibilidade da peça e os desdobramentos de alguns textos e personagens são de Ricardo Pais. Margarida Vieira Mendes ajudou-me a encontrar textos e discutii comigo o seu Vieira. Que mais posso fazer por escrito senão agradecer a ambos?

L. C. G.

## IDEIAS GERAIS

*Espaço contínuo, tempo contínuo, movimento contínuo.*

*Atmosfera de debate permanente, exaltação realista, reclamação, acusação, denúncia, injúria, violência.*

*Cores quentes de inferno, guerra, clamor.*

## PERSONAGENS

### PRIMEIRO ANDAMENTO

#### EXPULSÃO DO PARAÍSO INFERNAL

VERBA, *etc.*

PAZDA, *etc.*

FRANCISCO SODRÉS e CARLOS, *etc.*

LEITE DA SILVA, *etc.*

FRANCISCO CORONA, *etc.*

SUZANA CORONA, *etc.*

FRANCISCO DA CARMITA, *etc.*

O DEUS, *etc.*

O PAZDA, *etc.*

BORDADA, *etc.*

JOÃO BAPTISTA, *etc.*

## PERSONAGENS

VIEIRA, *enérgico e persuasivo*

PADRE JOSÉ SOARES, *dedicado e apagado companheiro de Vieira*

PRIMEIRO JESUÍTA

SEGUNDO JESUÍTA

JORGE DE SAMPAIO e CARVALHO, *Procurador eleito pelo povo do Maranhão, antes almoxarife, estando preso sob suspeita de corrupção à altura dos tumultos, homem maldoso e brutal*

LOPO DE SOUZA, *o velho índio Copauíba, principal da aldeia do Maracanã*

PRIMEIRO COLONO, *pobre*

SEGUNDO COLONO, *não tão pobre*

PROVINCIAL DOS CARMELITAS, *ressentido e insinuante*

O DEMÓNIO, *jovial e galante*

O PROFETA ISAÍAS, *o velho messiânico*

BANDARRA, *o idiota sapateiro de Trancoso*

JOÃO-BAPTISTA, *bramando no deserto*

DAVID, *o rapazinho valente*

O REI DOM JOÃO IV, *em estátua jazente*

FIGURANTES EM NÚMERO DE SEIS:

DOIS SOLDADOS

DOIS ÍNDIOS

DOIS COLONOS

## Primeiro Andamento

*(Na esquerda baixa vemos o Demónio, um jovial diabo vicentino, sentado em cima da Arca dos Manuscritos e Inéditos de Vieira, barroca, com profusão que baste — num excesso não muito excessivo — de talha dourada, pés rombos trabalhados, baixos relevos, etc. Na direita alta estão os nichos com as figuras votivas de Vieira, da esquerda para a direita, Isaias, David, Bandarra e João-Baptista. Estes nichos terão uma qualquer forma de locomoção, por exemplo, umas rodinhas. Aglomera-se à direita baixa a mancha do restante das personagens, grosso modo, Jesuítas e um índio à direita, colonos, soldados e o velho Copaiúba à esquerda.*

*Quando o pano abre, todos nos seus postos e de repente, em clima de grande exaltação, começa a forte vozearia. Atrás, ouvem-se as consistentes marteladas do Bandarra, no seu ofício).*

VIEIRA Foram tais os meios com que os moradores do Maranhão obraram o avassalar dos Índios, que desde o princípio do Mundo não se executaram tantas injustiças, crueldades e tiranias como executou a cobiça e a impiedade de Vossas Mercês e dos chamados Conquistadores do Maranhão...

PRIMEIRO COLONO ...Conquistadores que derramaram o seu sangue e outros que com muito sacrificio conquistaram e povoaram este Estado do Brasil...

SEGUNDO COLONO ...à custa das suas vidas e fazendas!

VIEIRA ...injustiças, crueldades e tiranias de Vossas Mercês que as

fazem nos bens, no suor, no sangue, na liberdade, nas mulheres,  
nos filhos, nas vidas e sobretudo nas almas dos miseráveis Índios!

PRIMEIRO JESUITA (*para o bando*) Miseráveis!

PRIMEIRO COLONO ...que todos uniformemente se queixam dos  
santos Padres da Companhia de Jesus!...

SEGUNDO JESUITA Aleivosa mentira! Os nossos índios...

PRIMEIRO COLONO (*interrompendo*) Os vossos índios?

SEGUNDO COLONO Quem obrou a expulsão dos hereges de Ho-  
landa?

JORGE DE SAMPAIO Não o Padre Vieira, que por lá andava entre-  
mentes conspirando com os Judeus a vender a Província do  
Brasil!

PRIMEIRO COLONO A quem dera mais!

SEGUNDO COLONO Judas do Brasil!

VIEIRA Quem trouxe aqui ao Maranhão a praga dos Holandeses?  
Quem trouxe a praga das bexigas? Quem trouxe a esterilidade?

PROVINCIAL DOS CARMELITAS (*melífluo*) Terão sido os Padres da  
Companhia de Jesus?

VIEIRA (*voltando-se para ele, violento*) Estes cativos!

PRIMEIRO JESUITA Estes injustos cativos!

PRIMEIRO COLONO Fomos nós os que expulsámos, com as armas e

as mãos, os hereges holandeses e agora aqui nos vemos oprimidos com a vossa tirania!

VIEIRA Estes cativos vos estão perdendo!

SEGUNDO COLONO E quem sujeitou os índios aliados dos Holandeses?

JORGE DE SAMPAIO Não o Padre Vieira que se bandeou com os hereges de Holanda!

PROVINCIAL DOS CARMELITAS Vade retro!

PRIMEIRO COLONO Judas do Brasil!

VIEIRA (*violento*) Deus me manda desenganar-vos e eu vos desengano da parte de Deus. Todos estais em pecado mortal; todos viveis em estado de condenação e todos ides direitos ao Inferno. Já lá estão muitos e vós estareis em breve com eles, se não mudardes de vida!

(*Todos parecem incomodados*).

JORGE DE SAMPAIO (*retomando*) Lá nos encontraremos com Vossa Paternidade!

PRIMEIRO COLONO (*apontando Vieira*) E o Padre vai à frente!

SEGUNDO COLONO Para abrir caminho!

VIEIRA Sabeis a causa de nossos males? Eu vo-la digo: estes cativos dos índios! Pois que vão Vossas Mercês, contra expressas leis e proibições, matando, roubando, cativando e apartando os pais dos filhos, os maridos das mulheres, assolando e queimando as

aldeias inteiras, abrasando nelas vivos os que se não querem render por escravos, sujeitando pacificamente a outros com execráveis traições, prometendo-lhes confederação e amizade debaixo da palavra e nome do Rei, e depois que os têm descuidados e desarmados, prendendo-os e atando-os a todos, e repartindo-os entre si por escravos, vendendo-os ainda com maior crueldade...

JORGE DE SAMPAIO A lábia de Vossa Paternidade nada pode!

PRIMEIRO COLONO Pois que todo o restante pode Vossa Paternidade!

JORGE DE SAMPAIO Mas prestes nada poderá!

PRIMEIRO JESUÍTA Senhor Jorge de Sampaio, respeito pelo hábito, se não o houvera à pessoa!

PROVINCIAL DOS CARMELITAS A lábia do demo, feiticeiro!

JORGE DE SAMPAIO (*troçando*) Senhor pregador régio!

PROVINCIAL DOS CARMELITAS Senhor valido do Rei!

PRIMEIRO COLONO Ide pregar o sermão à Corte de Lisboa!

SEGUNDO COLONO Estamos com fartura de palavras...

PRIMEIRO COLONO Palavras não enchem bolsas!

PROVINCIAL DOS CARMELITAS Assim dispôs o Rei Dom João o Quarto que se dessem as missões aos Carmelitas, aos Capuchos, aos Mercenários, aos Apóstolos, e por todos se repartissem cristãmente... e esta lei foi aceite e abraçada por todos!

VIEIRA Mas entraís ao sertão e de todos fazeis escravos, tanto dos índios livres como dos outros!

JORGE DE SAMPAIO E vós não fazeis escravo algum!

PRIMEIRO COLONO Que sempre arrançais motivo para que vão livres e em paz!

SEGUNDO COLONO Trabalhar para vós e para os vossos!

JORGE DE SAMPAIO Fora os urubus! Fora os urubus!

PRIMEIRO COLONO Só eles é que se servem dos Índios!

SEGUNDO COLONO Que são de todos!

PRIMEIRO JESUÍTA Nós os servimos a eles e não eles a nós!

SEGUNDO JESUÍTA Trabalhamos para os salvar!

VIEIRA Dois milhões destes índios da terra morreram já, depois que vieram os Portugueses... quinhentas aldeias destruídas...

SEGUNDO COLONO Não temos quem nos vá buscar um feixe de lenha, quem nos chegue um pote de água...

PRIMEIRO COLONO Não há quem nos lave as fazendas...

SEGUNDO COLONO Quem nos há-de fazer duas covas de mandioca?

PRIMEIRO COLONO Hão-de ir as nossas mulheres? Hão-de ir os nossos filhos?

VIEIRA Todos os interesses desta terra consistem só no sangue e suor dos índios!

SEGUNDO COLONO Até os moradores mais ricos vestem só pano de algodão tinto de preto...

PRIMEIRO COLONO E as viúvas, as donzelas, os órfãos, sofrendo fomes, no desamparo...

SEGUNDO COLONO Quem alcança comprar um índio por setenta mil réis?

PRIMEIRO COLONO E entrementes estão-se eles comendo uns aos outros nos sertões, e nós aqui morrendo de necessidades!

JORGE DE SAMPAIO Depois que os Padres governam os gentios e lhes proibem o comércio com os Portugueses...

SEGUNDO COLONO ...diminuíram em tão grande parte os dízimos e as rendas que se devem a el-Rei, pela falta do serviço dos escravos, que chegou a valer...

PRIMEIRO COLONO ...um alqueire de farinha de pão mil réis, que não vale mais que duzentos!

JORGE DE SAMPAIO Têm-nos cativos os Padres e a nós com eles!

VIEIRA Têm-nos Vossas Mercês injustamente cativos!

PRIMEIRO JESUÍTA Cobiça! Cobiça!

PROVINCIAL DOS CARMELITAS Com grande prejuízo para o Rei e as outras Congregações!

PRIMEIRO JESUÍTA Nós somos os que protegemos os Índios das aleivosias de Vossas Mercês!

PRIMEIRO COLONO Estão os engenhos de açúcar parados por culpa dos Padres!

VIEIRA Pensam Vossas Mercês que todos os males provêm da falta de escravos!

PRIMEIRO COLONO Da abundância deles se não queixa Vossa Paternidade!

VIEIRA Que se busquem mais dos pretos de Angola, já o disse muitas vezes! Não é minha tenção que não haja escravos...

SEGUNDO COLONO E quem lhe pode chegar aos preços desses pretos?

VIEIRA ...não é essa a minha tenção, mas que se chamem livres aos índios do governador, ou do capitão-mor, e os ocupem nas lavouras do tabaco, que é o mais cruel trabalho de quantos há aqui no Brasil!...

PRIMEIRO COLONO Pois quem o houvera de fazer?

SEGUNDO COLONO Nós?

PROVINCIAL DOS CARMELITAS Nós?

VIEIRA Mandam-nos servir violentamente a pessoas e em serviços a que não vão senão forçados, e morrem lá de puro sentimento; tiram as mulheres casadas das aldeias...

JORGE DE SAMPAIO E é tanta a diligência que os Padres da Companhia põem no ódio ao povo dos moradores deste Estado, que casam todas as moças das aldeias, posto não terem idade...

PRIMEIRO COLONO ....para que não haja mulheres de que os moradores se sirvam!